



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: Adolescência, saúde sexual e reprodutiva e auto-estima: um estudo de caso

EJE: Mesa de Trabajo 3. Extensión, docencia e investigación

AUTORES: Autora/Pereira, Regina Celi

Co-autora/Fanelli, Cláudia

Co-autor/Pereira, José Leonídio

Co-autora/Rios, Silvia

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ

CONTACTOS: reginaceli@me.ufrj.br; claudiafnelli@me.ufrj.br; leon@me.ufrj.br, silviarios@me.ufrj.br;

RESUMEN

A divulgação da ciência e da saúde vem, historicamente, contribuindo para a qualidade de vida da população, tendo os meios de comunicação como seus aliados na disseminação das informações. Entretanto, a gravidez na adolescência e a epidemia da aids vêm sendo preocupação mundial há décadas, apesar de estarmos na era da informática e da comunicação vastamente desenvolvida, o que nos faz acreditar que há uma lacuna emocional entre a informação e a conscientização. Instigados por essa questão, voltamos nossa atenção para o constructo auto-estima que vem sendo pouco explorado cientificamente em nosso país. Desta forma, esse estudo objetivou refletir sobre a metodologia do projeto de extensão Papo Cabeça que associa a sensibilização continuada, por meio de técnicas específicas de dinâmica de grupos voltadas para a auto-estima e projetos de vida, com as temáticas de saúde sexual e reprodutiva direcionadas aos adolescentes. A obtenção de dados foi feita em duas etapas, contando com a aplicação de questionários e da Escala de Auto-Estima de Rosenberg e ocorreu em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro com alunos na faixa etária correspondente à adolescência. Os resultados demonstraram que a proposta metodológica alavancou positivamente a auto-estima dos participantes e contribuiu moderadamente para apreensão dos temas propostos. Contudo, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas sobre essa metodologia, com maior número de alunos, em diferentes comunidades e contextos de divulgação nesse âmbito da saúde, para a população nesta fase da vida.



XI CONGRESO
IBEROAMERICANO
DE EXTENSION
UNIVERSITARIA

INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



DESARROLLO

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, os esforços para informar a população sobre doenças e cuidados terapêuticos eram encaminhados para publicações em artigos, folhetos, jornais e revistas. Nesta época, a divulgação em saúde encontrava barreiras significativas para alcançar a população como um todo.

No início do século XX, as ciências da saúde tiveram impulsos significantes, deflagrados pelas necessidades de saneamento (Massarani, 1998).

Segundo Moraes, (2006, p.65),

(...) o crescimento urbano, os novos processos de produção e estilos de vida, agências e práticas institucionais provocaram a urgência da utilização de comunicação na área da saúde. (...) diversos modos de utilizar as comunicações, num momento em que os jornais e revistas se multiplicavam, as propagandas tornavam-se parte do cotidiano, o rádio e o cinema introduziam novos temas e modos de enunciação.

Após a segunda guerra mundial, o impacto da ciência e da tecnologia foi marcante na rotina da vida da população, especialmente nos núcleos urbanos, favorecendo o desenvolvimento da industrialização e da economia. De acordo com Massarani (1998, p.134):

O conhecimento científico, a partir da segunda metade do século XX, expandiu-se de forma rápida, trazendo novos contornos à vida da população mundial, especialmente no final do século com a introdução de novas mídias e recursos em várias especialidades.

A globalização ocorreu resultante desse célere desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Para Cardoso (2006, p.50):

(...) talvez pelo acelerado desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação, observado nas últimas décadas: do telefone, rádio e televisão, passamos a contar com vídeo, computador, DVD, celular, internet, e a cada dia surge uma nova possibilidade de uso e de interação entre as mídias, como a TV digital (...). No entanto, a despeito dessa complexidade, ainda predomina na saúde o entendimento de que a comunicação é apenas a ação de transmitir informações ou de idéias de um pólo emissor para um pólo receptor (...).

Segundo Cardoso (2006), precisamos ir além das campanhas, reconhecidamente necessárias. Contudo, elas são pontuais e limitadas nos seus resultados. A autora aponta para necessidades de atividades continuadas e para a associação entre profissionais, serviços e população. Nesse sentido, destaca que:

É preciso disponibilidade para conhecer, ouvir e dialogar com a população sobre suas necessidades e expectativas que são muito mais diversificadas do que os serviços e as campanhas oferecem (CARDOSO, 2006, p.50).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Nessa obra, Cardoso nos dá pistas da importância da pesquisa-ação nas práticas de divulgação e educação em saúde. A promoção em saúde pela via da extensão universitária, fundamentada na prática da pesquisa ação, buscando corresponder às necessidades de conscientização nas questões da saúde e cidadania dos adolescentes é uma vereda para a educação dos nossos jovens.

Nesta perspectiva, em 1996, surgiu o Projeto “Papo Cabeça”. Sua proposta metodológica está pautada em ações que estimulam no jovem a auto-estima, aspecto importante para as escolhas, bem como para o cuidado e preservação de seus projetos de vida. Essa proposta se realiza, através do trabalho interativo, participativo e continuado, aplicada pelos estagiários de diversos cursos de graduação da UFRJ. A atuação dos estagiários em conjunto possibilita a prática da interdisciplinaridade, por meio de oportunidades de interação entre os diferentes saberes.

A reflexão sobre os resultados para os alunos do ensino fundamental da metodologia do referido projeto, que faz parte do Programa homônimo da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, foi o objeto de nossa pesquisa. A metodologia do Projeto “Papo Cabeça” é desenvolvida com estudantes das escolas municipais em aproximadamente oito encontros com duas horas de duração, Os grupos são formados espontaneamente, por meio de inscrição e consentimento formal dos pais e/ou responsáveis, muitas vezes por indicação da direção da escola. No desenvolvimento do processo de sensibilização o número de participantes em cada grupo gira em torno de 20 alunos de ambos os sexos. O processo de sensibilização continuada é elemento fundamental aos encontros para trabalhar as temáticas sugeridas para essa fase da vida: adolescência, família, projetos de vida, gênero, sexualidade, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e cidadania. Essas vivências são desenvolvidas, por meio de técnicas específicas de dinâmica de grupo, as quais são dosadas e encadeadas, através dos níveis de sensibilização alcançados pelo grupo em cada encontro. Cabe destacar que o despertar da auto-estima permeia todo este processo, buscando-se estimular a consciência crítica de todos os atores envolvidos em relação às questões diretamente ligadas à adolescência, especialmente a sexualidade.

Apontamentos sobre a auto-estima.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Entre o final do século XIX e início do século XX a auto-estima parece não ter sido muito discutida. Contudo, se formos abordar os conceitos de “self,”* antes mesmo da chegada do século XX, nos escritos de William James, na sua obra *Princípios de Psicologia* (1890), na qual o autor define que “a estima que cada indivíduo tem acerca de si mesmo depende do que quer **ser** e **fazer** (James, *apud* Monbourquette2008, grifo nosso).

Neste sentido, podemos considerar que essa afirmativa não deixa de estar apropriada para a realidade do nosso século. Alguns autores atuais, ao avaliarem os efeitos do sucesso de crianças junto aos pais nas suas primeiras experiências de vida, descrevem que este sucesso é de suma importância para a apropriação da auto-estima elevada e, ao contrário, as vivências frustrantes resultariam em baixa auto-estima.

Os sociólogos Charles Cooley (1902) e George Hebert Mead (1934) propuseram a importância do outro significante, ou seja, “o autoconceito evolui das interações sociais e passa por várias alterações no decorrer do tempo” (Cooley; Mead *apud* Shaffer, 2009, p.417).

O conceito de “self espelhado,” criado por Cooley *apud* Shaffer (2009, p.417), com a intenção de enfatizar que: “a compreensão que a pessoa tem de si mesma é o reflexo da reação de outros a ela”. Para ele, “(...) o autoconceito é a imagem projetada pelo espelho social.” O autor e Mead, acreditam que o “self” e o desenvolvimento social estão intimamente conectados. Isto é, um não pode evoluir muito sem o outro.

Nesse aspecto, a população de nosso país historicamente influenciada pela colonização, tornou-se vulnerável aos desdobramentos da auto-estima e vem demonstrando fragilidade, principalmente nos contextos das desigualdades sociais.

O adolescente durante seu desenvolvimento biopsicossocial apresenta a auto-estima vulnerável às influências do meio. Segundo Jerônimo et alii(2008, p.195),

O sentimento de pertença que o indivíduo constrói no decorrer da sua vivência num espaço particular onde habita e convive, torna-se associado à auto-imagem e à identidade realçando a importância do espaço sociocultural nas escolhas e metas do sujeito.

A partir dessas considerações, acreditamos que para as transformações sociais desejadas, a auto-estima precisa sair dos livros de auto-ajuda para a prática social, especialmente na educação em saúde e cidadania. Assim, a extensão universitária valorizando esses

* Self:: Combinação de características físicas e psicológicas,únicas em cada indivíduo. (SHAFFER, 2009,p.417)



XI CONGRESO
IBEROAMERICANO
DE EXTENSION
UNIVERSITARIA

INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



aspectos significa um caminho fértil para o desenvolvimento social igualitário. Para ((Moysés,p. 143):

(...) Creio que a educação formal ganha com os projetos desenvolvidos no âmbito da educação não formal, quer pela justeza de seus propósitos, ((quer pelos resultados obtidos. (...) Com a liberdade que lhes é peculiar vão explorando novos caminhos, tendo em vista o resgate de valores humanos como a solidariedade e o respeito por si mesmos e pelo próximo".

O trabalho com grupos e as técnicas de dinâmica de grupo

Ao discorrer sobre trabalho com grupos não podemos deixar de mencionar como surgiram os seus princípios fundamentais e o seu reconhecimento pela ciência, notadamente pelas ciências humanas.

As técnicas de dinâmica de grupo (TDG) vêm sendo usadas em várias propostas, seja na psicologia, de onde surgiu seu estudo inicial, seja em outros campos das ciências humanas.

A prática com grupos surgiu através de Kurt Lewin, experimentalista e criador da Teoria de Campo. Segundo Lewin *apud* Afonso (2006), a teoria de campo postula que o comportamento humano possui uma relação de interdependência entre a pessoa e seu meio e que a própria vida é o resultado dessa interação.

Outro relevante campo teórico e prático que recebemos de Lewin foi a **pesquisa-ação**, tão valorizada na atualidade no trabalho com grupos, especialmente na divulgação da ciência na modalidade participativa e interativa das ações (AFONSO, 2006, grifo nosso).

Esse percurso se deu a partir da dedicação de Lewin ao estudo dos grupos e aos aspectos psicológicos que influenciavam na mudança social, observando as forças aí contidas que a impulsionavam e as que formavam resistências. Essas experiências, associadas à investigação de como a discriminação e o preconceito se reproduziam na sociedade, deram subsídios para o surgimento dos fundamentos da pesquisa- ação (AFONSO, 2006).

Segundo Afonso (2006), Lewin postulava que a pesquisa em psicologia social não poderia separar-se da ação. Seus estudos eram ancorados no contexto psicossocial, era adepto da prática interdisciplinar e da abordagem contextual na prática da pesquisa, pois acreditava que a realidade social era multidimensional. Para o experientialista, na proposta de mudança social, o pesquisador deveria partir da compreensão, do consentimento e participação dos envolvidos. No trabalho com grupos é necessário, inicialmente, o conhecimento da realidade, para depois articular ações em parceria com os seus integrantes (AFONSO, 2006).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



As contribuições de Lewin para a dinâmica de grupo e sua concepção sobre a integração das dimensões do grupo foi seguida por outros autores em outros contextos, no decorrer da segunda metade do século XX.

No sentido dessas perspectivas desenvolvimentistas, entendemos que por meio de um trabalho participativo e inclusivo podemos realizar transformações importantes, especialmente no enfrentamento das desigualdades sociais, espaço crítico em necessidades e desafios. Assim, as TDG são aliadas valiosas dos profissionais envolvidos nos processos de mudança social.

Segundo Afonso (2006), as oficinas voltadas para a área de saúde têm fundamentação teórica em três dimensões articuladas: a psicossocial, a clínica e a educativa. Para a autora a oficina é um trabalho estruturado com grupos, sendo focado numa questão central, para a qual o grupo estará voltado na elaboração de soluções, por meio das interações em um contexto social.

Nesse contexto, a estruturação inclui momentos de sensibilização, de informação e de elaboração, o que dá a oportunidade de troca entre os sujeitos participantes, visto que os integrantes socializam suas informações, sentimentos e pontos de vista. As questões que buscam ser elaboradas pela via da contextualização englobam as formas de pensar, sentir e agir, uma vez que os problemas de saúde têm relações diretas com valores, emoções e práticas cotidianas.

Nessa perspectiva, Afonso (2006) destaca que coexistem: a dimensão terapêutica - sem ser terapia, a dimensão educativa - sem ser aula. Essas, alcançadas através de técnicas de sensibilização, mobilização e comunicação em grupo. É um método dialógico e participativo, visando à elaboração das questões de saúde.

Para Oliveira (2006, p.22),

A possibilidade de reflexão individual e coletiva vivenciadas nas oficinas permite o intercâmbio das idéias, crenças e práticas sobre saúde que podem ser articuladas numa síntese grupal enriquecedora para cada um dos participantes. Os conceitos perdem seu caráter abstrato e tornam-se ricos em conteúdos reais.

A utilização do método está intimamente ligada à prática de intervenção em promoção de saúde, a partir da escuta das necessidades e da articulação das propostas do grupo. Pois, esse trabalho consiste na percepção, reflexão e experiências grupais em relação aos temas em questão.

A autora valoriza a supervisão e os encontros regulares entre os profissionais envolvidos nas ações, para que a equipe promova reflexões críticas sobre os conteúdos e vivências



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



desenvolvidos na rotina do serviço, se responsabilizando pelo aperfeiçoamento na utilização de estratégias. Nesse processo dialógico, a supervisão e os encontros regulares entre os profissionais favorecem a troca de experiências e dão suporte prático e teórico às ações. (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Oliveira (2006), a utilização dessa metodologia com grupos é uma proposta ética que considera que o atendimento à saúde deve ser elaborado por quem presta o serviço e por quem o recebe. A autora sinaliza que no campo grupal as experiências são sustentadas pelas relações pessoais, intersubjetivas e afetivas, construídas a partir da sensibilização dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, cada participante é sujeito ativo na elaboração das propostas e no processo de desenvolvimento do grupo.

Quanto às características do grupo por sexo, homogeneidade ou heterogeneidade, podemos sugerir de acordo com os objetivos do grupo. Nesse sentido, as vivências podem ser mais ricas na contemplação das expectativas, dependendo dessa escolha. Nos encontros de adolescentes com a proposta de refletir sobre sexualidade é importante que a heterogeneidade seja contemplada para propiciar discussões proveitosas sobre gênero, especialmente nos aspectos da contracepção e da saúde sexual em geral. As reflexões sobre diversidade sexual e direitos humanos, também podem estar inclusas nessas oportunidades.

Os grupos podem ter a intervenção de vários profissionais, sendo multidisciplinar ou interdisciplinar, conforme o perfil das suas necessidades. Neste quesito, é importante levar em conta a indicação do trabalho. Em um grupo de promoção de saúde com objetivo preventivo e educativo podemos contar com vários profissionais: médicos, enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais, dentre outros. Contudo, não há uma “receita de bolo”, mas critérios variáveis com as propostas. Assim, ao formar um grupo na área de saúde, os coordenadores estudam esses critérios, planejam e avaliam seu funcionamento (OLIVEIRA, 2006).

Outro fator importante para o trabalho com grupos é a prática da avaliação ao término de cada encontro. Essa conduta vai dando coordenadas para o desenvolvimento dos próximos encontros e direcionando o planejamento para as expectativas. Nesse aspecto, podemos dizer que a avaliação faz parte do fio condutor do processo grupal e da metodologia da pesquisa-ação. Esse exercício, em qualquer tipo de proposta, favorece a auto-avaliação do profissional, o seu planejamento, bem como a criticidade e autonomia dos sujeitos.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Material e Métodos

O período dedicado ao nosso estudo foi de agosto a dezembro de 2010. Para a realização deste estudo utilizamos as metodologias qualitativas e quantitativas de pesquisa, por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas (Costa e Costa, 2009). Foi aplicado o instrumento de avaliação da auto-estima, a Escala de Auto-Estima de Rosenberg em dois momentos, no início e no final dos encontros. Para decidir sobre a escolha do instrumento a ser aplicado, foi feito um levantamento bibliográfico. Quando tivemos acesso a vários estudos, os quais tinham o objetivo de analisar a validação dessa escala para a realidade sociocultural de nosso país. Nesse sentido, os estudos demonstraram a sua aplicabilidade, validade e praticidade, principalmente para a faixa etária da nossa pesquisa. A pesquisa foi realizada com oito alunos de ambos os sexos, da turma “Fórmula da vitória”, que abriga alunos com defasagem idade série, em uma escola municipal da 7ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação). As etapas foram as seguintes: 1-Revisão da literatura 2- Aprovação da pesquisa pelo Conselho de Ética da Maternidade Escola da UFRJ..3- Aceitação, por parte dos estagiários do Projeto “Papo Cabeça”, em participar na aplicação da pesquisa no seu grupo e em dar informações técnicas sobre o processo grupal no decorrer da pesquisa. 4. Consentimento dos alunos do ensino fundamental para a participação na pesquisa, bem como a autorização de seus responsáveis dentro das normas aprovadas pelo Conselho de Ética da Maternidade Escola.5-Primeiro Encontro(Setembro de 2010. Foram aplicados os seguintes instrumentos da pesquisa:1-O Questionário (1), com a intenção de levantar dados sobre a percepção que o aluno tem de si mesmo, seus conhecimentos sobre métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e demais dados relevantes para a proposta, sem que o mesmo tenha participado de qualquer atividade do projeto.2-A escala de auto-estima de Rosenberg, para mensurar o nível desse constructo em cada aluno iniciante no processo grupal. 6- Encontro Final (Dezembro de 2010) Foram aplicados os seguintes instrumentos:1-O Questionário (2), com o objetivo de comparar os seus resultados com os primeiros aplicados no início do grupo. 2-A escala de auto-estima de Rosenberg, com a intenção de verificar se houve alguma alteração nos níveis desse constructo dos sujeitos pesquisados.A aplicação associada desses instrumentos teve como objetivo a interação de dois instrumentos em cada fase do processo grupal, buscando um resultado mais abrangente das modificações ocorridas com os participantes.7- Análise dos dados. Nessa oportunidade, os dois



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



questionário (1 e 2) foram analisados e comparados os seus dados, conforme a proposta da pesquisa. A escala de Rosenberg foi analisada nos dois momentos de aplicação, sendo comparados os seus resultados.

Análise dos dados e discussão dos resultados

A Primeira fase da pesquisa: Perfil inicial dos alunos

No decorrer dos seis encontros que aconteceram a partir do mês de setembro, observamos que a frequência dos alunos na escola era irregular, apesar de serem usuários de condução disponibilizada pela prefeitura. Essa irregularidade inibiu a aplicação continuada das técnicas de sensibilização e de apoio a auto-estima com aproveitamento integral por todos os oito alunos, bem como a proposta paralela sobre divulgação em saúde sexual e reprodutiva. Propostas estas, que estavam no planejamento continuado, conforme o fio condutor da metodologia do projeto. Entretanto, sabemos que não há uma rigidez nessa proposta, pois cada grupo tem suas características próprias.

Primeiramente, foram computados os resultados do primeiro questionário que tinha como objetivo conhecer melhor o perfil dos participantes nas questões psicossociais. A auto percepção de cada aluno foi pesquisada por meio de informações sobre suas qualidades, atividades fora do âmbito escolar, bem como através de suas informações sobre os seus projetos de vida. Na teoria de James, o autor destaca que o nível da auto-estima do sujeito está intimamente vinculado ao que ele quer **ser** ou **fazer**, na nossa interpretação, os seus projetos de vida James, *apud* Monbouquette(2008, grifo nosso).

Assim, por meio destas informações, foram levantadas as características vinculadas à auto-estima dos participantes, antes de serem envolvidos nas vivências e experiências da metodologia em estudo..

Na organização dos dados, nas tabelas e gráficos procuramos colocar os primeiros quatro alunos de sexo feminino e o quatro últimos do sexo masculino para facilitar a visão de gênero no contexto de nosso estudo, destacando a presença da heterogeneidade. De acordo com Silva (2007), “a educação para a sexualidade deve valorizar os aspectos afetivos, prazerosos e éticos (...)”. A autora dá pistas da importância da heterogeneidade na distribuição por sexo no trabalho voltado para a sexualidade, para promover as reflexões sobre ética e papéis de gênero nas relações. Nesse sentido, Silva (2007) aponta para a necessidade da presença do adolescente do sexo masculino nas discussões, na proposta de conscientização de ambos os sexos sobre a co-responsabilidade na prática sexual.



Quadro 1. Distribuição dos Alunos por Idade , Gênero, Moradia e Escolaridade.

Id:	Idade	Gênero	Reside	Nº de Cômodos	Bairro	Perto da Escola?	Série
1	13	F	Pai/mãe	Três	Jpa	Não	Sexta
2	14	F	Mãe	Quatro	NR	Não	Sexta
3	14	F	Pai/mãe	Cinco	Jpa	Não	Sexta
4	14	F	Pai	Três	Jpa	Não	Sexta
5	14	M	Mãe	Cinco	Jpa	Não	Sexta
6	15	M	Mãe	Cinco	Jpa	Não	Sexta
7	13	M	Mãe	Cinco	Jpa	Não	Sexta
8	15	M	Pai	Três	Jpa	Não	Sexta

NR: Não respondeu
Jpa: Jacarepaguá

No Quadro 1, observamos que a maioria dos alunos vive com um de seus genitores e que há um percentual significativo de alunos que vivem com suas mães. Nessa amostra verificamos as novas modalidades de organização da família.

Quanto ao perfil social, segundo informação da professora da turma, esses alunos moram distante da escola que está localizada na Barra da Tijuca. São usuários da condução disponibilizada pela prefeitura, que recolhe os estudantes nos bairros Cidade de Deus e Rio das Pedras. Nesse aspecto, podemos supor que há dificuldades, por parte dos alunos, em expor seu local de moradia. Estes informam morar em Jacarepaguá, bairro amplo, que tem em seu âmbito vários sub-bairros, abrigando várias classes sociais, desde comunidades até condomínios de luxo. Assim, pressupomos que esse dado é importante na contextualização das características psicossociais do grupo estudado, dentre estas a auto-estima. Pressupomos que esse perfil poderia se apresentar diferente, se a escola fosse localizada no seu bairro de moradia. Essa associação da identidade individual com o meio nos remete ao conceito de “self espelhado” de Coley, *apud* Shaffer (2009, p.417), Esse ponto de vista, também está unido ao conceito do desenvolvimento do *self*, quando o autor e Mead (1934), citados por Shaffer (2009), o descrevem como intimamente dependente do meio. Nesse sentido, acreditamos que o meio é co-responsável pela formação do autoconceito e da auto-estima, refletidos no desempenho escolar e nas ações rotineiras de construção dos projetos de vida.

Quadro 2 - A Autopercepção dos Sujeitos

Id	Sou aluno:	Percebe qualidade em si mesmo?	Número de Qualidades	Pensa no futuro?	Sobre Gravidez nessa idade	Profissão	Qual?
1	Bom	Sim	Uma	Sim	Muito Ruim	Sim	Arquiteto
2	Muito Bom	Não	-	Sim	Muito Ruim		Modelo
3	Bom	Sim	NR	Sim	NR	Sim	Advogado
4	Regular	Sim	Uma	Sim	Muito Ruim	Sim	Veterinário
5	Regular	Sim	NR	Sim	Muito Bom	Sim	Modelo
6	Fraco	Sim	Uma	Não	Muito Ruim	Sim	Jogador de Futebol
7	Muito Bom	Sim	Uma	Sim	Muito Bom	Sim	Jogador de Futebol
8	Bom	Sim	Uma	Sim	Muito Ruim	Sim	Mecânico

NR: Não respondeu

Os alunos aparentemente não apresentaram características de baixa auto-estima, conforme o Quadro 2. Destes, 62,5 % se classificaram como alunos bons ou muito bons e não apresentaram autoconceitos negativos diante de suas dificuldades de alcançar a série seguinte e apenas um se percebeu como fraco nesse aspecto. Os demais se classificaram como alunos regulares. A maioria dos sujeitos cita apenas uma qualidade e 37,5% não relatam reconhecer qualidades em si mesmos.

Sobre os projetos de vida com relação à profissão, 37,5% desejam alcançar uma profissão de nível universitário e são do gênero feminino. Destacamos também, que na maioria das adolescentes (75%), a gravidez nesta fase da vida foi julgada como muito ruim. Embora, possam existir lacunas entre a idealização e a realidade, abrangendo aspectos da sexualidade e suas implicações, conforme descreve (PEREIRA *et al.* 2007).

No gênero masculino houve 50% de opiniões a favor da gravidez nessa etapa da vida. No entanto, conforme Silva (2007), os jovens precisam ser orientados sobre a corresponsabilidade na prática sexual com relação a contracepção. Pois, para muitos, é encargo do gênero feminino os cuidados com o conceito.

Quanto à futura profissão, os adolescentes do gênero masculino não demonstraram desejo de frequentar uma universidade, sendo que 50% destes apreciaram o futebol como meta



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



profissional. Acreditamos que essa escolha, por trazer fama e recursos econômicos, apresenta-se geralmente como idealização de muitos meninos, principalmente nas classes populares.

Figura 1: Valores obtidos na aplicação do Questionário (1)

Quanto às atividades fora do âmbito escolar, as informações dos participantes demonstraram que a maior parte destes se dedica ao lazer: televisão, ficar na rua, vídeo game e internet. A religião e o estudo foram citados por 50% dos sujeitos. Entretanto a televisão foi citada por 75% dos alunos seguida pelo convívio na comunidade (62,5%).

A atividade esportiva foi citada por um único adolescente, embora não tenha sido informado se esta é formal ou praticada como lazer. Destacamos também, duas informações sobre trabalho. Porém, não sabemos se essas atividades são domésticas ou têm outras formas de vínculo.

Sentimos a falta das informações sobre o local dessas atividades. No entanto, estas perguntas não estavam disponíveis no Questionário 1, demonstrando que devem ser incluídas nesse instrumento nas próximas aplicações.

A exposição dos sujeitos à televisão evidencia que o acesso às informações sobre saúde veiculadas pela mídia parece estar disponível para esses estudantes. Contudo, esse meio de comunicação social oferece também, padrões de comportamento favorecedores de idealizações e conceitos distantes da realidade. Nesse sentido, ressaltamos a proposta do Projeto “Papo Cabeça”, na qual é valorizado o trabalho com os adolescentes na busca da consciência crítica nas questões da sexualidade saudável, dentre outras temáticas oriundas dessa fase da vida (FANELLI *et al.*, 2007). Para Moraes (2006, p. 19), “ter acesso às informações em saúde é fundamental, mas não é suficiente para a luta que se tem pela frente diante das desigualdades (...)”.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que esses adolescentes demonstraram ter poucas oportunidades de desenvolvimento extraclasse, nos aspectos do esporte, de cursos, de atividades de apoio às suas deficiências cognitivas, ou mesmo em atividades artísticas e culturais, pois não informam sobre atividades formais fora da escola tradicional.

Buscamos levantar os projetos de vida imbricados na atividade sexual, bem como acrescentar dados pessoais à pergunta sobre gravidez na adolescência já respondida em item anterior..Destacamos a expectativa da maioria das adolescentes 75%, projetam não ter filhos, mesmo após a adolescência. Enquanto, 75% do gênero masculino pensam em ter filhos (Quadro 3).A idade idealizada para ter filhos, para 50% dos sujeitos pesquisados, ficou distribuída em vinte, vinte e um e quarenta e cinco anos.

TABELA 1- Distribuição de Respostas sobre Educação sexual e Conversas sobre sexo.

Onde teve Educação sexual?		Na família 75%		Na família e na escola 25%
Conversa sobre sexo?		Em caso positivo: Onde conversa?		
<i>Não/Família</i>	<i>Não conversam sobre sexo</i>	<i>Conversa Com responsáveis</i>	<i>Com primos e irmãos</i>	<i>Com amigos na escola e rua</i>
50%	12,5%	37, 5%	12,5%	87,5%

Na questão formulada com a expressão educação sexual, a maioria informou que já a recebeu na família e parte destes, também na escola. No entanto, ao se utilizar o termo sexo na pergunta seguinte, 37,5% conversam sobre sexo com os responsáveis, 12,5% com familiares jovens, primos e irmãos. Os demais não falam sobre sexo no âmbito da família. A maioria dos entrevistados fala sobre sexo com amigos na escola ou na rua. Destes alunos, 12,5% não conversam sobre sexo em nenhum grupo, o que demonstra dificuldades com relação ao tema. (Tabela 1) Essas controvérsias demonstram que ainda estão conservados os tabus relacionados ao sexo. A educação sexual aparenta mais leveza e aceitação, embora signifique orientação sobre a atividade sexual e demais temáticas aí implícitas. O sexo permanece uma questão de foro íntimo e muitas vezes distanciado da saúde integral e da qualidade de vida. A experiência sexual foi informada por 12,5% do sexo feminino e

Conhecimento Métodos Contraceptivos	Conhecem	Nenhum Método	Citam 1 Método	Citam 2 Métodos
	75%	25%	62,5%	12,5%
Conhecimento DST	Conhecem	Nenhuma DST	Aids	Prevenção (Camisinha Masculina)
	62,5%	37,5%	62,5%	50%

50% do sexo masculino. Dentre estes adolescentes de ambos os sexos, a metade dos sujeitos não se protegeu com nenhum método. O fato de ter namorado (a) foi relatado por dois dos sujeitos pesquisados, estes pertencentes ao sexo masculino.

Nessa amostra há concordância com Pereira et al. (2007), no que diz respeito a lacuna, entre a idealização e a ação para a prevenção. Pois, 50%, no mesmo instrumento (Quadro 3), informaram não desejar ter filhos nessa faixa etária. No entanto, 50% relataram atividade sexual sem proteção.

Tabela 2 – Distribuição de respostas: Conhecimentos Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis

Ao informar sobre seus conhecimentos sobre gestação e métodos contraceptivos, 25% não conhecem nenhum dos métodos, 12,5% citam dois métodos e 62,5% citam pelo menos um método. Ressaltamos que a expressão desses conhecimentos foi em linguagem popular, mas demonstrando noções da sua aplicabilidade. A camisinha foi o método mais mencionado, embora a versão feminina não tenha sido citada.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Quanto às DST, 37,5% não conhecem nenhuma, 62,5% citam a aids e 50% destes, citam a camisinha como forma de prevenção.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam para a educação sexual na escola, por meio dos temas transversais. Entretanto, segundo (Krasilchik,2000), ainda permaneça vinculada às disciplinas de ciências ligadas a Biologia. Nessa perspectiva, os alunos adolescentes que ainda não alcançaram a seriação correspondente a esses conteúdos, como é o caso dos sujeitos de nossa pesquisa, permanecem carentes de informações mais precisas sobre a sexualidade no âmbito escolar.No entanto, mesmo quando têm acesso aos conteúdos. Do ponto de vista de Schall (2005, p.45)

(...) a área das ciências no 1ª grau, na qual é contemplado o ensino da saúde e meio ambiente, percebe-se que os conteúdos baseiam-se na memorização por parte dos estudantes com nomes de órgãos, de agentes causadores de doenças, o que caracteriza a ênfase conteudista e informativa.

Nesse sentido, a autora dá pistas da necessidade da valorização dos aspectos psicossociais na formação integral em saúde no âmbito escolar.

Portanto, no aspecto informativo sobre saúde sexual e reprodutiva, os adolescentes sujeitos da pesquisa apresentam pouco ou nenhum conhecimento sobre prevenção. Assim sendo, a amostra apresentou-se ideal para nosso estudo sobre a metodologia do projeto a ser aplicada.

Tabela 3 - Distribuição por forma de inclusão dos alunos no Projeto “Papo Cabeça”

Perguntas	Sim %	Não %
Você escolheu participar do Projeto “Papo Cabeça”?	100,0	0
Você procurou se inscrever?	75,0	25,0
Um professor encaminhou você?	100,0	0
A sua turma foi escolhida pela escola?	100,0	0



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Para nós, as questões da Tabela 3 estão relacionadas com a metodologia estudada e seus prováveis resultados. Pois, acreditamos que o desempenho e participação do aluno no processo de desenvolvimento do grupo, encontram-se intimamente ligados à sua motivação em se incluir e interagir nessas atividades.

Para Afonso (2006), na pesquisa-ação as escolhas dos sujeitos participantes devem estar em consonância com as propostas de desenvolvimento oferecidas. O consentimento do partícipe deve ser levado em conta na época de sua inclusão no processo grupal, assim como sua contribuição no desdobramento dessas ações.

A seguir, na Figura 2, a pontuação dos sujeitos na escala de Rosenberg estará revelando seu nível de auto-estima. Assim, quanto maior a pontuação, mais alto será o nível desse constructo. Segundo Romano *et al.* (2007), essas classificações são: baixa , média e alta auto-estima. De 10 a 20 pontos: Baixa auto-estima.; de 21 a 30 pontos: Média auto-estima; de 31 a 40 pontos: Alta auto-estima.

Figura 2: Valores obtidos durante a primeira aplicação da Escala de Rosenberg

O segundo instrumento aplicado nos estudantes, antes das experiências no projeto, foi a escala descrita acima. Os resultados não demonstraram a presença significativa de baixa auto-estima, ainda que a pontuação dos sujeitos pesquisados se tenha mantido na escala da média auto-estima, segundo a Figura 2.

Esses resultados corroboraram com a avaliação feita pela pesquisadora ao analisar os dados do Questionário (1), nas questões que pesquisavam o autoconceito e as qualidades

percebidas pelos sujeitos. Nesse sentido, a utilização dos dois instrumentos para oferecer mais elementos comparativos aos resultados, correspondeu às expectativas.

A Segunda Etapa da Pesquisa: mudanças ocorridas com os sujeitos

Na segunda etapa da pesquisa em dezembro de 2010, foi aplicado o Questionário (2), por meio do qual pretendíamos comparar os resultados das duas fases.

Entretanto, só estavam presentes cinco alunos dos que iniciaram a pesquisa. Sendo assim, estes participaram da fase final, respondendo aos instrumentos referentes à proposta de avaliar o perfil do grupo após a participação no Projeto “Papo Cabeça”.

Tabela 4 - Avaliação da participação no Projeto

Gostou de participar?	%	
	(Sim)	(Não)
	100	0,0
Classifique sua escolha:	Ótimo	Muito Bom
	60,0	40,0
Faltou muito?	-	100,0
DE QUE VOCÊ MAIS GOSTOU?		
Brincadeiras	60,0	
Ser parte importante do grupo	80,0	
Do que aprendeu	100,0	
Das experiências	80,0	
Dos filmes	40,0	
De falar sobre você	80,0	
De escutar os colegas	60,0	
Pensar e conversar coisas da sua idade?	60,0	
Pessoa interessada em saúde?	100,0	

Observamos que os cinco alunos demonstraram interesses nas questões de saúde e satisfação em participar do Projeto, bem como informaram que não faltaram aos encontros. Quanto às atividades, (60%) foram avaliadas como ótimas e (40%) como muito boas, o que demonstra a percepção positiva da metodologia aplicada. Solicitados a escolher do que mais gostaram no processo do grupo, 100% dos alunos disseram que gostaram do que aprenderam, 80% citaram as experiências vivenciais e o fato de ser membro importante do grupo. As brincadeiras (o lúdico) e a possibilidade de escutar os colegas e as conversas



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



sobre coisas da sua idade foram descritas por 60% dos alunos. Os filmes foram aprovados por 40% dos participantes, demonstrando que as atividades de interação intersubjetivas foram as preferidas no desenvolvimento dos encontros.

Esse resultado parece estar em concordância com Novak *apud* Schall (2005, p.51) ao falar sobre a construção do conhecimento na educação em saúde. Para o autor:

O desenvolvimento afetivo pode ser considerado análogo ao cognitivo, pois crescimento e diferenciação da estrutura afetiva de uma pessoa prosseguem com o tempo, e este crescimento tenderá a ser positivo e extenso se houver um planejamento deliberado para isto.

Verificamos que 80% dos participantes perceberam-se com mais qualidades, estas ligadas à amizade, afetividade, atenção aos outros e ao estudo. Os demais 20%, não citaram novas percepções. Os planos para o futuro foram descritos por todos. Embora, os ideais de freqüentar uma universidade tenham permanecido semelhantes aos descritos no Questionário (1). As profissões escolhidas continuaram as mesmas nos cinco participantes. Os projetos de ter filhos permaneceram estáveis e de acordo com o Questionário (1) aplicado no início da pesquisa, até mesmo nas reflexões sobre a idade ideal para esse acontecimento. Os resultados obtidos nessa última questão revelam poucas alterações nos projetos de vida profissionais, o que nos leva a pensar nas variáveis que possam ter interferido nestes dados. Uma delas é o tempo dedicado ao desenvolvimento das discussões sobre as temáticas envolvidas, como o conhecimento sobre as profissões e os meios para alcançá-las.

Atividades Fora do âmbito Escolar

Quanto às atividades fora do setor de ensino regular, houve pouca mudança nos hábitos. Verificamos que os sujeitos permanecem não ingressando em atividades formais fora do âmbito da sua escola. Enfatizamos aqui, o período no qual foi aplicado o instrumento. Uma vez que, acreditamos ser esse período uma variável importante na realização das atividades formais, especialmente para os alunos das instituições de ensino. Nessa fase, o final de ano e a proximidade das férias escolares, geralmente interferem no ritmo dos estudantes de todos os níveis.

Conhecimentos sobre Gravidez, DST e prevenção

Nos conhecimentos sobre prevenção da gravidez houve melhora significativa, todos citaram pelo menos três métodos. Embora, os alunos refiram-se à pílula como comprimido e aos anticoncepcionais injetáveis como injeção. Contudo, de acordo com Roqueplo (1974) *apud*



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Massarani (1998), as ações não devem formar especialistas, nem ter o intuito de aperfeiçoar a audiência em sua própria especialidade. Ainda quanto a esses resultados, Thuillier (1989) *apud* Massarani (1998), destaca a importância da população se apropriar de conhecimentos básicos para reconhecer como estes podem ser utilizados. Diante dessas reflexões, avaliamos que os objetivos do trabalho, nos aspectos que envolvem a prevenção da GA foram alcançados, especialmente pelas características do perfil do grupo estudado. A camisinha foi citada como método anticoncepcional junto aos outros métodos, contribuindo com a nossa avaliação positiva sobre o entendimento dos sujeitos sobre os mecanismos da contracepção.¹ Todos os alunos citaram somente a aids. No entanto, ao se levantar os dados sobre o conhecimento de métodos para prevenção das DST, a camisinha foi citada por todos os participantes, demonstrando melhor compreensão sobre prevenção no sentido das DST, visto que é o método indicado para esse tipo de cuidado. Nesse sentido, acreditamos que o trabalho planejado, cuidadoso e continuado, com atenção especial à auto-estima, proporcionará resultados positivos na divulgação em saúde, como destacam Jerônimo e Gonçalves (2008, p.2).

Um caminhar pelos espaços mais íntimos do sujeito no ambiente escolar, nas atividades laborais e de lazer enriquece as interações construindo a auto-estima e o sentimento de pertença ao grupo, estimulando as atitudes e valores positivos.

Figura 3: Valores obtidos durante a primeira e a segunda aplicação da Escala de Auto-estima de Rosenberg

A segunda aplicação da Escala de Rosenberg, para aferir possíveis mudanças nesse constructo da personalidade dos estudantes, foi realizada no último encontro. Seus

¹ As estagiárias informaram que não houve tempo hábil para que os participantes fossem mais bem capacitados sobre as DST. Segundo suas informações, no período letivo do segundo semestre houve feriados e eventos na escola, dentre outros compromissos das mesmas com o Programa. Para nós, esses contratemplos reduziram o número ideal de encontros e impuseram intervalos maiores entre estes, prejudicando o desenvolvimento do trabalho com o grupo.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



resultados foram animadores, pois houve aumento na pontuação nas escalas da maioria dos cinco alunos presentes, não havendo redução em nenhuma delas. Em comparação com a aplicação anterior desse instrumento, os dados nos forneceram condições para deduzirmos que houve alteração positiva com relação à auto-estima dos sujeitos (Figura 3). Nesta oportunidade, a análise dos resultados da escala de Rosenberg, associada aos dados dos questionários aplicados paralelamente, demonstrou que ambos obtiveram um resultado positivo, no sentido dos valores afetivos dos participantes. Pois, ambos mensuraram aspectos da auto-estima com metodologias diferentes, mas complementares.

Conclusões

Os resultados demonstraram que a proposta metodológica alavancou positivamente a auto-estima dos participantes e contribuiu para apreensão e conscientização dos temas propostos. Contudo, o processo de sensibilização, embora satisfatório, foi afetado pela interrupção da sequência dos encontros, devido aos feriados no período e compromissos das estagiárias com atividades de extensão do Programa “Papo Cabeça”. Sugerimos que a pesquisa seja realizada com um maior número de alunos, em diferentes comunidades escolares. Acreditamos que a aplicação da pesquisa nos dois semestres letivos facilitará o controle das variáveis que interferiram diretamente no desenvolvimento do grupo estudado, como a proximidade das festividades de final de ano e as férias escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, J. M., **Comunicação e saúde: desafios para fortalecer o SUS, ampliar a participação e o controle social.** In: Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Coletânea de comunicação e informação em saúde para o exercício do controle social / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. – Brasília: Ed. do Ministério da Saúde, 2006.156 p. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). ISBN 85-334-1305-X.

COSTA, M. A. F. COSTA, M. F. B., **Metodologia da Pesquisa: Conceitos e Técnicas**, 2ªed. Rio de Janeiro: Interciência, 2009, 216 p. ISBN 978-85-7193-209-8.

FANELLI, C. M. T. *et al.* **Construindo a Saúde Reprodutiva na Escola Pública.** In: PEREIRA, J. L. *et al.* (Org.). *Sexualidade na Adolescência no Novo Milênio*: 1 ed. Rio de Janeiro.: UFRJ, Pró- Reitoria de Extensão, 2007, pp.75- 87.

JERÔNIMO, R. N. T., GONÇALVES, T. M.. **O processo de Apropriação do Espaço e Produção da Subjetividade.** Psicologia Teoria e Pesquisa, Brasília v.24 n.2. 2008.

KRASILCHIK, M. Reformas e Realidade: o caso do ensino de ciências. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14 n.1, Jan/Fev, 2000.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



MASSAARANI, L, **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20, 1998.**127f. Dissertação de (Mestrado em Ciência da Informação) -Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

MONBOURQUETTE, J. (2008). **Da Auto-Estima à Individuação**, trad. LEMOS B., Psicologia e Espiritualidade, 1ª ed. São Paulo. Paulinas, 2008, 228 p. ISBN 978-85-356-2189-1.

MORAES, S. I.H, **Informação em saúde para o exercício do controle social: a luta pela democratização e qualidade da informação.** Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Coletânea de comunicação e informação em saúde para o exercício do controle social / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. –Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.156 p. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde) ISBN 85-334-1305-X

MOYSÉS, LUCIA, **A Auto- Estima se Constrói Passo a Passo.** 6ª Ed, Campinas, São Paulo: Papirus,2007,152 p. ISBN 85-7396-509-6.

OLIVEIRA. HELOISA. M. FONSECA, A **Proposta de trabalho em Grupos IPSE-MG- Famílias e as oficinas em Dinâmica de Grupo.** In: Oficinas em Dinâmica de Grupos na Área de Saúde., p.22-25,Ed.Casa do Psicólogo, São Paulo, 2006,389p. ISBN 85-7396-509-6.

PEREIRA, J.L; PEREIRA, R. C. R. FANELLI, C. M. T. KROPF, P. S.; RIOS, S. P. ROCHA, L. D. **O Adolescente entre a Idealização, a Informação e a Sexualidade.** In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE, 29, 2007, Recife. Anais. Recife: SBRASH (Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana). PEREIRA

ROMANO. A., NEGREIROS. J, MARTINS. T. Contributos para a Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg numa Amostra de Adolescentes da Região Interior Norte do País, **Psicologia, Saúde & Doenças**, 8 (1), 109-116, Portugal, 2007.

SCHALL. V. T., **Educação em Saúde no Contexto Brasileiro - Influências Sócio- Históricas e Tendências Atuais**, Belo Horizonte, Educação em Foco, v.1 n.1, p.41-58, Dez/Mar, 2005.

SHAFFER, R. DAVID.Trad.:CANCISU, C. R. P., 6ªed. **Psicologia do Desenvolvimento. Infância e Adolescência**, 2009, 627p. ISBN 85-221-0423-9.

SILVA, M. M. A. V. O Processo Histórico de Construção das Concepções de Paternidade In: PEREIRA, J. L. *et al. (Org).***Sexualidade na Adolescência no Novo Milênio**: 1 ed.Rio de Janeiro.:UFRJ, Pró- Reitoria de Extensão, 2007,PP 54- 65.